

JANE AUSTEN

Orgulho e
preconceito

Tradução de
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

Prefácio e notas de
VIVIEN JONES

Introdução de
TONY TANNER



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do prefácio e das notas © Vivien Jones, 1996, 2003
Copyright da nota sobre o texto e da cronologia
© Claire Lamont, 1997, 2003
Copyright da introdução original Penguin Classics
© Tony Tanner, 1972

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Pride and prejudice

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Cláudia Warrak

PREPARAÇÃO
Alexandre Boide

REVISÃO
Camila Saraiva
Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Austen, Jane, 1775-1817.

Orgulho e preconceito / Jane Austen; tradução de Alexandre Barbosa de Souza; prefácio e notas de Vivien Jones; introdução de Tony Tanner. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Título original: Pride and prejudice.

ISBN 978-85-63560-15-5

1. Ficção inglesa I. Jones, Vivien. II. Tanner, Tony. III. Título.

11-04050

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Agradecimentos	7
Prefácio — Vivien Jones	9
Introdução — Tony Tanner	43
Nota sobre o texto	95
ORGULHO E PRECONCEITO	99
Volume I	101
Volume II	249
Volume III	371
<i>Emendas ao texto</i>	535
<i>Notas</i>	539
<i>Cronologia</i>	565
<i>Outras leituras</i>	567

VOLUME I

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa.

Por mais desconhecidos que sejam os sentimentos e as opiniões desse homem no momento em que chega a uma nova vizinhança, tal verdade está tão bem enraizada na mente das famílias da região que ele é considerado, imediatamente e por direito, propriedade de uma ou outra de suas filhas.

“Meu caro senhor Bennet”, disse-lhe a esposa certo dia, “já soube que alguém finalmente alugou Netherfield Park?”

O senhor Bennet respondeu que não.

“Pois então saiba”, ela continuou, “que a senhora Long acabou de sair daqui e me contou tudo.”

O senhor Bennet nem respondeu.

“Não lhe interessa saber quem alugou?”, exclamou a esposa impaciente.

“Você quer que eu saiba, e não me oponho a ouvir.”

Isso já era o suficiente para ela.

“Pois bem, meu querido, a senhora Long disse que Netherfield foi alugada por um rapaz muito rico do norte da Inglaterra; disse que ele chegou segunda-feira numa carruagem com quatro cavalos¹ para ver o lugar e gostou tanto que fechou na hora com o senhor Morris; e

disse que ele deve se mudar antes da festa de São Miguel Arcanjo,² e alguns empregados já devem chegar no final da semana que vem.”

“Como ele se chama?”

“Bingley.”

“É casado ou solteiro?”

“Ora, solteiro, meu querido, é claro! Um rapaz solteiro e riquíssimo; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas meninas!”

“Como assim? Que diferença isso faz para elas?”

“Meu caro senhor Bennet”, retrucou a esposa, “você às vezes é tão irritante! Já devia saber que estou pensando em casá-lo com uma delas.”

“É com esse intuito que ele veio morar aqui?”

“Intuito! Que bobagem, como você pode dizer uma coisa dessas? Mas é muito provável que ele venha a se apaixonar por uma delas, e portanto você deve visitá-lo assim que ele chegar.”

“Não vejo muito cabimento nisso. Você e as meninas podem ir, ou você pode mandá-las sozinhas, o que talvez seja ainda melhor, pois você é tão linda quanto qualquer uma delas, e o senhor Bingley pode achá-la a melhor do grupo.”

“Meu querido, estou lisonjeada. Certamente eu tive a minha cota de beleza, mas sei que não sou nada de mais hoje em dia. Uma mulher com quatro filhas adultas tem o dever de parar de pensar na própria beleza.”

“Na maioria dos casos, a mulher já não tem tanta beleza assim para pensar a respeito.”

“Mas, querido, você tem que ir mesmo visitar o senhor Bingley assim que ele chegar à região.”

“Isso é mais do que estou disposto a fazer, pode ter certeza.”

“Mas pense nas suas filhas. Uma delas poderia ocupar uma posição bem estabelecida na sociedade. Sir William e Lady Lucas certamente irão visitá-lo só por

isso, pois você sabe que eles nunca visitam nenhum recém-chegado. Você deve mesmo ir, porque nós não poderemos visitá-lo se você não for antes.”

“Você está exagerando em seus escrúpulos. Ousaria dizer que o senhor Bingley ficará muito feliz em vê-la; e enviarei algumas linhas por seu intermédio garantindo-lhe meu consentimento sincero ao casamento dele com qualquer uma das meninas; embora devesse usar palavras mais abonadoras para a minha pequena Lizzy.”

“Gostaria muito que você não fizesse nada parecido. Lizzy não é em nada melhor que as outras; e garanto que sua beleza não chega nem à metade da beleza de Lydia. Mas você sempre a favorece.”

“Elas não têm nada que as recomende”, retrucou ele. “São tolas e ignorantes como todas as meninas; mas Lizzy é mais sagaz que as irmãs.”

“Senhor Bennet, como pode falar assim das próprias filhas? Você adora me irritar. Não tem pena dos meus nervos?”

“Você está enganada, minha cara. Tenho grande respeito pelos seus nervos. São meus velhos conhecidos. Ouço você falar deles há pelo menos vinte anos.”

“Ah! Você não sabe quanto eu sofro.”

“Mas espero que você consiga superar tudo isso, e que ainda viva o bastante para ver muitos rapazes com quatro mil libras por ano se mudarem para cá.”

“Mas de que adiantariam tantos se você não fosse visitá-los?”

“Pode contar com isso, minha cara; quando houver vinte deles, irei visitar todos.”

O senhor Bennet era uma mistura tão peculiar de sagacidade, humor sarcástico, discrição e caprichos que a experiência de vinte e três anos ainda era insuficiente para que a esposa entendesse seu caráter. Já a mente dela era bem menos difícil de destrinchar. Era uma mulher de pouca percepção, escassa instrução e dona de duvidoso

so temperamento. Quando contrariada, queixava-se dos nervos.³ O objetivo de sua vida era casar as filhas; seu passatempo eram as visitas e as novidades.

II

O senhor Bennet foi um dos primeiros a visitar o senhor Bingley. Desde o início tencionava fazê-lo, embora tivesse dito até o último momento à mulher que não devia ir; até chegar a tarde em que se deu de fato a visita ela não sabia que iria acontecer. Então passou o seguinte. Observando sua segunda filha enfeitar um chapéu, ele se dirigiu a ela dizendo:

“Espero que o senhor Bingley goste, Lizzy.”

“Não podemos saber do que o senhor Bingley gosta”, disse a mãe, ressentida, “porque não podemos visitá-lo.”

“Mas você está esquecendo, mamãe”, disse Elizabeth, “que iremos encontrá-lo socialmente,¹ e que a senhora Long prometeu apresentá-lo.”

“Não acredito que a senhora Long vá fazer uma coisa dessas. Ela tem duas sobrinhas. É uma mulher egoísta, hipócrita, e não tenho a menor consideração por ela.”

“Nem eu”, disse o senhor Bennet, “e fico contente de ver que você não conta com ela para ajudá-la.”

A senhora Bennet achou melhor nem comentar; mas, incapaz de se conter, começou a ralar com uma das filhas.

“Pare de tossir assim, Kitty, por tudo que é mais sagrado! Tenha dó dos meus nervos. Assim eles ficam em pandarecos.”

“Kitty não sabe tossir discretamente”, disse o pai; “ela tosse dessa forma grosseira.”

“Eu não tusso porque gosto”, retrucou Kitty, chateada.

“Quando será o seu próximo baile, Lizzy?”

“Em duas semanas, a contar de amanhã.”

“É, isso mesmo”, exclamou a mãe, “e a senhora Long só volta um dia antes disso; então será impossível que o apresente, pois ela mesma não o terá conhecido ainda.”

“Pois então, minha cara, você terá uma vantagem sobre sua amiga, e poderá apresentar o senhor Bingley a ela.”

“Impossível, senhor Bennet, impossível, pois eu também não o conheço; por que tanta provocação?”

“Aprecio muito a sua prudência. Conhecer alguém por duas semanas seguramente é muito pouco. Não se pode conhecer de fato um homem em quinze dias. Mas, se nós não arriscarmos, alguém o fará; e afinal a senhora Long e suas sobrinhas merecem uma oportunidade; portanto, como ela considerará isso um ato de generosidade, se você recusar a tarefa, eu a assumirei sozinho.”

As meninas olharam todas para o pai. A senhora Bennet disse apenas: “Bobagem, bobagem!”

“O que essa enfática declaração significa?”, ele se exaltou. “Você considera as formas de apresentação² e a aflição nelas depositada uma bobagem? Não posso concordar com você nesse sentido. O que me diz, Mary? Pois você é uma mocinha dada a reflexões profundas, que lê grandes livros, e copia trechos deles.”³

Mary quis dizer algo sensato, mas não soube o quê.

“Enquanto Mary organiza suas ideias”, ele continuou, “voltemos ao senhor Bingley.”

“Estou cansada do senhor Bingley”, exclamou a esposa.

“Lamento ouvir isso; por que não me disse antes? Se eu soubesse disso esta manhã, certamente não teria ido visitá-lo. É muito azar; mas, como enfim acabei visitando, não podemos escapar do fato de que agora o conhecemos.”

A perplexidade das mulheres era justamente o que ele queria; a da senhora Bennet, talvez, sobretudo; embora

passado o primeiro tumulto de euforia ela tenha começado a dizer que era o que esperava dele o tempo todo.

“Que bom que você fez isso, meu querido senhor Bennet! Mas eu sabia que conseguiria convencê-lo. Sabia que você amava demais as suas meninas para se recusar a uma visita. Ora, como estou satisfeita! Além do mais, é engraçado que você tenha ido hoje cedo e tenha ficado sem dizer uma palavra a respeito até agora.”

“Bem, Kitty, você pode tossir à vontade agora”, disse o senhor Bennet; e, ao dizer isso, saiu da sala, cansado dos arroubos da esposa.

“Mas que pai excelente vocês têm, meninas”, disse ela, quando a porta se fechou. “Não sei o que vão conseguir fazer para compensar a generosidade desse homem; nem eu, a bem da verdade. Na nossa idade, não é mais tão agradável, posso dizer, conhecer pessoas novas todo dia; mas, para o bem de vocês, seríamos capazes de qualquer coisa. Lydia, meu amor, apesar de ser a mais nova, ousou dizer que o senhor Bingley dançará com você no próximo baile.”

“Oh!”, exclamou Lydia, com firmeza. “Não estou com medo, pois, apesar de mais nova, sou a mais alta.”

Elas passaram o resto da noite em conjecturas sobre quanto demoraria para ele devolver a visita ao senhor Bennet, e decidindo quando poderiam convidá-lo para jantar.